



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9917 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

A PEDAGOGIA DA DECOLONIAL COMO FERRAMENTA POLÍTICA PARA
DESNATURALIZAR A HISTÓRIA ÚNICA A PARTIR DAS (RE)EXSISTÊNCIAS E
ESCREVIVÊNCIAS DA ETNOEDUCADORA NILMA LINO GOMES.

Júlia Maria de Oliveira Campos - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

**A PEDAGOGIA DA DECOLONIAL COMO FERRAMENTA POLÍTICA PARA
DESNATURALIZAR A HISTÓRIA ÚNICA A PARTIR DAS (RE)EXSISTÊNCIAS E
ESCREVIVÊNCIAS DA ETNOEDUCADORA NILMA LINO GOMES.**

Resumo: Nilma Lino Gomes – Pedagoga e intelectual insurgente, narra o seu pensamento a partir da sua própria vida. Seu fazer pedagógico crítico e revolucionário é inspirado na sua corporalidade como mulher negra, etnoeducadora e Pesquisadora, pautado sobretudo nas relações étnico-raciais e ensino. Suas contribuições político-pedagógicas à educação como ferramenta política, traz evidências teórico-analíticas acerca das metodologias, processos pedagógicos e políticas de estado que naturalizam as desigualdades atravessadas por relações de poder, e que atribuem ao patriarcado capitalista imperialista de supremacia branco uma posição dominante sobre os demais sujeitos. Sendo assim, a proposta central desse estudo é analisar a pedagogia decolonial como ferramenta política para desnaturalizar a história única, a partir das reflexões e escrevivências da referida Autora. Para tanto, trata-se de um estudo teórico-bibliográfico sobre fundamentos históricos, conceituais e socioculturais acerca da pedagogia decolonial fundamentada nos direitos humanos, narrado em primeira pessoa, para evidenciar a voz racializada de quem escreve e do sujeito pesquisado. Os resultados preliminares identificaram que as escrevivências - como metodologia é inclusivo, e quando aliadas ao lugar de fala dos etnoeducadores, tornam-se uma privilegiada ferramenta sociocultural à promoção da igualdade racial e o respeito às diferenças.

Palavras-chave: Pedagogia Decolonial. Relações étnico-raciais. Escrevivências.

Desde o início da história da educação no Brasil, com a chegada dos portugueses e formação da escola tradicional, a historiografia afro-brasileira coexiste na meritocracia, produzidas no contexto da relação de poder expressas na desigualdade, e portanto, das relações sociais excludentes, sobretudo na dominação e escravização dos negros servindo à exploração da força de trabalho e à dominação social.

“É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre a

escravidão e racismo, mapeando suas consequências” (RIBEIRO, 2019, p. 09), visto que o Brasil foi colonizado por europeus, cujos sistemas culturais, educacionais, ideológicos, religiosos, políticos e jurídicos, foram constituídos como história única contada a partir da visão hegemônica ocidental, eurocêntrica e científica, justificando todo o tipo de violência cometida contra negros e negras, índios e índias, principalmente quando impuseram seus próprios padrões de produção de conhecimentos e costumes. “O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definida” (ADICHIE, 2019, p.23).

O Brasil conservador ainda mantém um sistema político fortemente racista, embora, tenha-se criado um emaranhado de sutilezas para dizer que o país não é racista. Contudo, houve tempos em que marolas progressistas vislumbravam romper com a voz única do heteropatriarcado. E foi nesta época, que Nilma Lino Gomes (re)existiu como Etnoeducadora e mulher negra sendo a primeira afro-brasileira a ser Reitora de uma universidade pública - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em 2013, e em 2015, Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, e também, do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, no governo de Dilma Rousseff.

Negra-intelectual, ativista do Movimento Negro e Professora titular emérita da Faculdade de Educação da UFMG, Nilma Lino Gomes une o pensamento à prática, para entender a sua realidade concreta. Suas ações pedagógicas são atos políticos de resistência. Nasce a partir da interação entre as pedagogias antirracista, crítica e feminista, vivenciadas ao longo da vida, onde buscou entender as causas e efeitos da opressão e dominação, os quais contribuíram para o seu fazer pedagógico questionador das parcialidades que reforçam os sistemas de dominação, em especial, de raça - intercruzados a gênero e classe.

Desse modo, “o processo de emancipação e superação sociorracial nos desafia a construir uma pedagoga da diversidade (de raça, de gênero, de idade, de culturas)”, GOMES (2017, p.134). Para Freire (2020), essa emancipação significa uma grande conquista política que só pode se manter na *práxis* humana como luta contínua em prol da libertação dos indivíduos, através da sua autonomia intelectual e moral. Portanto, a pedagogia decolonial deve ser sugerida como uma ferramenta política no processo de igualdade de direitos, uma vez que, não se trata de uma educação normativa determinada por deveres e obrigações, mas sim, por um propósito educacional, que vise compreender as diversidades presentes na sala de aula; dando voz e vez àquele sujeito historicamente silenciado.

Nessa perspectiva que busca romper com as desigualdades históricas e sociais, a escola é um espaço privilegiado para a reflexão da realidade social e cultural, com o objetivo não só de acessar as diversidades, como também de propiciar uma educação democrática, transgressora e humanista. Gomes (2012, p.688), corrobora:

O foco central são os sujeitos sociais, entendidos como cidadãos e sujeitos de direitos. Essa interpretação tem sido adensada do ponto de vista político e epistemológico pelos movimentos sociais ao enfatizarem que os sujeitos de direitos são também diversos em raça, etnia, credo, gênero, orientação sexual e idade, entre outros. Enfatizam, também, que essa diversidade tem sido tratada de forma desigual e discriminatória ao longo dos séculos e ainda não foi devidamente equacionada pelas políticas de Estado, pelas escolas e seus currículos.

Os dados apresentados neste trabalho é um recorte de uma pesquisa maior – que ainda está em curso, cujo objeto é a base de conhecimentos da pedagogia decolonial como ferramenta política para reeducar e ressignificar – numa perspectiva interseccional, a

democracia brasileira, a partir dos relatos de (re)existências e escrevivências de Nilma Lino Gomes. Utilizou-se uma metodologia numa abordagem de pesquisa qualitativa, baseada no estudo teórico-bibliográfico, visando explorar e descrever o contexto histórico, conceitual, político e cultural da pedagogia decolonial proposta neste trabalho científico.

Na construção da narrativa, usamos as escrevivências da Autora como recurso metodológico de escrita, viabilizando as narrativas pessoais e coletivas de sua ancestralidade. Este conceito interseccional, estabelece uma proposta metodológica, interdisciplinar e decolonial que vem de fora da academia, logo produz uma ruptura epistemológica ao exercer uma prática decolonial. Traz uma voz racializada de quem escreve e de quem faz parte do espaço de construção da pesquisa. Faz mensurar o racismo estrutural, as desigualdades de gênero e classe; o acesso à direitos e a cidadania que habitam no espaço de construção do conhecimento, dentre eles, a própria academia. “A nossa escrevivência não pode ser lida como história para ‘ninar os da casa grande’, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos” (EVARISTO, 2007, p.21).

A proposta da pedagogia discutida para a prática de liberdade, portanto, trata-se de uma estratégia de inquietar o oprimido a deslocar-se de objeto para sujeito. O que só é possível, de acordo com bell hooks (2019), quando o oprimido experimenta a autorrecuperação, o processo de tornar-se sujeito, pelo qual, metaforicamente, “reúne os fragmentos do seu ser, rompidos a partir do processo colonial”. A relação que confere a educação e a pedagogia decolonial é que a necessidade de refletir sobre o que é e qual é a função da escola no contexto multicultural, especialmente, de forma que venha a contemplar os negros e demais sujeitos historicamente silenciados.

As novas pedagogias fundadas no diálogo, que segundo Freire (2011, p. 45) é o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, é basilar para o alcance da educação emancipatória, fundamental para construir novos saberes e combater as desigualdades existentes na relação sociais dentro e fora da sala de aula.

Espera-se que este estudo, ao desvendar limitações e fragilidades presentes nestas relações, possa vir a transformar o ensino de conteúdos em competências para a vida, formando agentes da prática social e conseqüentemente sujeitos conscientes capazes de promover e desenvolver uma cultura de respeito à equidade, especialmente, de raça, gênero e classe econômica, a começar pela escola.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p.16-21.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau** – registro de uma experiência em processo. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação como Prática de Liberdade**. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOOKS, Bell. **Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

Gomes, Nilma Lino. Desigualdades e diversidade na educação. **Educação & Sociedade** [online]. 2012, v. 33, n. 120 [Acessado 20 Junho 2021] , pp. 687-693. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000300002>>. Epub 24 Out 2012. ISSN 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000300002>.

GOMES, Nilma Lino. O Plano nacional de educação e a diversidade: dilemas, desafios e perspectivas. In: DOURADO, L.F. (Org.). **Plano Nacional de Educação (2011-2020): avaliação e perspectivas**. 2.ed. Goiânia: UFG, Belo Horizonte: Autêntica, 2011

_____. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.